DIÁRIO do litoral.com.br
Publicado em 22/07/2024 - 05:50

Empresas querem lotear o fundo do mar e colocar as praias em risco

RISCO. Corrida por produção de baterias e painéis solares motiva cobiça de mineradoras

Empresas querem lotear fundo do mar

Quando Fernando Pessoa desnudou a alma, os sonhos e, também, as dores dos 'patrícios' ao questionar "ó mar salgado, quanto do teu sal são lágrimas de Portugal?", ele ilustrou com palavras a maior aventura humana de todos os tempos. Naqueles dias, cruzar o Atlântico movido pela valentia, ao sabor dos ventos, e guiado pelas estrelas, era se atirar no desconhecido, sem saber o que havia além do horizonte. "Por te cruzarmos, quantas mães choraram. Quantos filhos em vão rezaram! Quantas noivas ficaram por casar! Para que fosses nosso, ó mar! Valeu a pena?", se perguntava o poeta. Séculos depois, o homem desvendou mistérios do universo, caminhou na lua, lançou luz sobre buracos negros. E pretende colonizar marte! Mas, quantos segredos ainda nos reservam as profundezas dos oceanos? Como, segundo Pessoa, "tudo vale a pena se a alma não é pequena", a humanidade está prestes a novamente se lançar rumo ao desconhecido. Mais precisamente, ao fundo do mar, onde repousam gigantescas jazidas de minerais como cobre, cobalto, manganês e níquel. Esse tesouro é alvo da cobiça de pequenas ilhas-nações isoladas e pobres, aliciadas pelos interesses de grandes mineradoras multinacionais.

Como diz o verso de Pessoa: "Deus ao mar o perigo e o abismo deu, mas nele é que espelhou o céu", resta saber qual será o impacto dessa aventura na sua, na minha, na nossa praia, o ambiente mais democrático do mundo, onde ricos empresários desfilam de sunga, tanto quanto pobres ambulantes que mascateiam bugigangas, entre a avenida e o mar.

Ambientalistas alertam que essa 'caça ao tesouro' no lar de baleias, peixes e pinguins deverá causar impactos tão grandes quanto as riquezas que repousam sob o assoalho marinho.

E o Brasil é protagonista nos debates que começaram na última segunda-feira, durante a assembleia da Autoridade Internacional dos Fundos Marinhos (ISA, em inglês), órgão ligado à Organização das Nações Unidas (ONU). O evento acontece na Jamaica até 2 de agosto.

Essa 'caça ao tesouro' ganha tração com a transição do petróleo para energias limpas, carbono-zero. E pretende suprir a demanda por matéria-prima para baterias dos veículos elétricos, painéis solares e, também, telefones celulares.

A princípio, essa mineração está prevista para acontecer em águas internacionais. Essas 'águas sem pátria' ocupam 71% dos oceanos e ficam a partir de 370 quilômetros em linha reta das praias do Gonzaga, da Enseada, do Gonzaguinha, do Boqueirão, da Riviera de São Lourenço e do Cibratel.

YANNIS PAPANASTASOPOULOS/ UNSPLASH

Fundo do mar entrou na mira das empresas de mineração

CONVENÇÃO DA ONU.

A discussão na Jamaica reúne representantes de 167 países signatários da Convenção da ONU sobre o Direito do Mar. E duas agendas dominam os debates: permitir o início da mineração no fundo do mar e a eleição do próximo secretário-geral. E uma brasileira está na disputa pelo comando do órgão, responsável por conceder as licenças de exploração.

Mas, o consenso está longe de ser alcançado entre as nações. E, se elas não chegarem a um acordo sobre as linhas gerais de um Código da Mineração no Mar, o caminho ficará livre para que os interessados possam explorar os minerais em águas internacionais.

Isso porque existe uma regra na Convenção da ONU que, se acionada, libera as nações-membro a apresentar planos para mineração em larga escala, mesmo que o código não tenha sido adotado formalmente.

Em julho de 2021, Nauru, uma ilha da Oceania, em parceria com a mineradora canadense The Metals Company, acionou essa regra, pressionando o Conselho da ISA a finalizar o código de mineração até julho de 2023. Mas, isso não ocorreu.

'MINERAÇÃO SEM FREIO'.

Até o início dos debates nesta semana, 27 dos 36 países que compõem o Conselho da ISA se manifestaram a favor de uma moratória. Essa suspensão de qualquer licenciamento seria adotada até que os impactos ambientais sejam melhor avaliados e que as nações desenhem, em conjunto com a Ciência, um código de mineração seguro.

Segundo Louisa Casson, ativista da campanha Stop Deep Sea Mining do Greenpeace, o momento é "politicamente estressante", devido à iminente divisão entre as nações. E essa discórdia pode desaguar no limbo que permitirá a mineração sem freio. "Se não tivermos um caminho claro após essa reunião, a porta estará aberta para a Metals Company", advertiu Louisa em entrevista à agência de notícias epbr.com. **(Nilson Regalado)**

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Diário do Litoral - Baixada Santista/SP

Seção: Cidades **Caderno:** a **Pagina:** 3

Copyright © Clipclap 2025.